

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O QUE QUERO VER ESPECIAL
4 de dezembro de 2023

AMERICAN PSYCHO / 2000
(*Psicopata Americano*)

Um filme de Mary Harron

Realização: Mary Harron / *Argumento:* Mary Harron e Guinevere Turner, com base no romance homónimo de Bret Easton Ellis / *Produção:* Christian Halsey Solomon, Chris Hanley, Edward R. Pressman / *Coprodução:* Ernie Barbarash, Alessandro Camon, Clifford Streit, Rob Weiss / *Produção Executiva:* Joseph Drake, Michael Paseornek, Jeff Sackman / *Direção de Fotografia:* Andrzej Sekula / *Montagem:* Andrew Marcus / *Música:* John Cale / *Casting:* Kerry Barden, Suzanne Crowley, Billy Hopkins / *Design de Produção:* Gideon Ponte / *Direção Artística:* Andrew Stearn / *Guarda-roupa:* Isis Mussenden / *Design de Som:* Ben Cheah / *Interpretações:* Christian Bale (Patrick Bateman), Justin Theroux (Timothy Bryce), Josh Lucas (Craig McDermott), Bill Sage (David Van Patten), Chloë Sevigny (Jean), Reese Witherspoon (Evelyn Williams), Samantha Mathis (Courtney Rawlinson), Matt Ross (Luis Carruthers), Jared Leto (Paul Allen), Willem Dafoe (Donald Kimball), Clara Seymour (Christie), Guinevere Turner (Elizabeth) / *Cópia:* 35mm, a cores, falado inglês, com legendas em português / *Duração:* 102 minutos / *Estreia Mundial:* 21 de janeiro de 2000, Festival de Sundance / *Estreia Nacional:* 19 de outubro de 2000 / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

If I fail, if I succeed
At least I'll live as I believe.

Whitney Houston, *Greatest Love of All*

O que têm em comum Ed Gein e Ted Bundy? São homens que se destacaram, entre a multidão, devido a um singular talento para praticar o mal. São duas das referências (*pop?*) citadas por Patrick Bateman, o anti-herói/supervilão de **American Psycho**, amante de música (efetivamente) *pop*, dos Genesis a Whitney Houston (que, já agora, não autorizou a inclusão de *Greatest Love of All* na banda sonora do filme), e irresistivelmente atraído pela possibilidade de matar, esquartejar e comer o cérebro da próxima mulher indefesa. A sua singular maldade não é tão única assim no mundo concebido por Bret Easton Ellis no seu polemicíssimo romance de 1991, visado por críticas pró-feministas e banido de certas livrarias por força de uma quase insuportável violência gráfica, além de, alegou-se, uma gritante misoginia. Muitos foram surpreendidos pelo facto de a escolha final ter recaído em Mary Harron, realizadora cujo primeiro filme para cinema, **I Shot Andy Warhol** (1996), acerca da feminista radical que disparou sobre Warhol, Valeria Solanas, havia deixado boas indicações, devido à aptidão evidenciada para reconstituir um tempo – a partir de uma personalidade complexa, raivosa e irreverente, conhecida pelo seu *SCUM Manifesto* – com um orçamento modesto. A própria procurou explicar-se, no programa de Charlie Rose, na companhia do seu protagonista, Christian Bale, e do romancista: “**American Psycho** é

uma muito negra comédia de maneiras, gozando com uma sociedade enlouquecida”. Harron vinha secundar, deste modo, as palavras iniciais de Ellis nessa mesma conversa com Charlie Rose: “Penso que o filme clarifica aspetos da crítica ao comportamento masculino presentes no livro. (...) É basicamente uma comédia negra.”

De qualquer modo, a pergunta persiste mais ou menos da mesma maneira face a tão inclassificável protagonista: o que tem Bateman de singular? A resposta poderá levar-nos ao encontro da posição de Harron e de Ellis, pois, no fundo, Bateman *nada* tem de singular. E aí radica o problema do mundo, assim concebido, de **American Psycho**: o “horror” resulta do facto de o psicopata assassino se confundir, na aparência e (talvez) na ação, com aqueles que o rodeiam, compondo uma *entourage* de ensimesmados homens de fato e gravata (a começar pela sua primeira vítima, Paul Allen, interpretado por Jared Leto, que desde o começo está convencido que Bateman é outra pessoa). Um mundo povoado por especuladores de Wall Street com demasiado dinheiro, que vivem de rumores, profissional e socialmente, e levam a jogo a sua autoestima e dignidade em competições de avareza e vaidade. Nesse sentido, a cena em que cada um destes espécimes do mais discriçãoário *corporate power* se gaba do respetivo *business card* atesta o alto grau de uma loucura coletiva e “em série”. Mas esta competição, tão machista quanto emasculadora, apresenta uma certa variedade de desafios: afinal, quem consegue *mesmo e de facto* reservar mesa no mais “quente” restaurante de Nova Iorque, o Dorsia? Quem tem os melhores fatos e vê as horas no mais luxuoso relógio (já agora: marcas como Comme des Garçons e Rolex, entre outras, não se quiseram associar a um filme de denotação tão aviltante e de conotação tão ambígua)? À maneira de um **Barbie** (2023) da América de Reagan, poder-se-ia afirmar que a perfeição da “máscara” metrosssexual de Patrick Bateman rapidamente entra em choque com a terrível realidade: todos são como ele, quais “sinistros ‘Kens’”, neste mundo que Mary Harron, em estreita articulação com o diretor de fotografia, o polaco Andrzej Sekula, queria que se parecesse com um “belíssimo anúncio de televisão”.

O filme, sob assumida influência de Stanley Kubrick, beneficia de uma fotografia fria, quase “indiferente” (como o sentido de empatia do protagonista), conjugada com um trabalho de direção artística reduzido ao mínimo e com uma atmosfera sonora proposadamente incongruente (Harron refere a utilização clínica dos silêncios, como se a cidade lá fora fosse uma espécie de lugar abstrato, dando a impressão de **American Psycho** ser como uma *sitcom* escabrosa). Aquilo que era intolerável e chocante em livro, foi recebido como uma sátira sem meias-tintas, uma autêntica “comédia de identidades baralhadas”, como a descreveu Harron no comentário áudio ao filme. A distância em relação à América dos *yuppies* tornara-se, definitivamente, grotesca mediante o olhar de Harron e da máscara de Bale, ator que canalizou na sua personagem modelos de psicopatia contemporâneos tais como Norman Bates (veja-se a semelhança no último nome, Bates \approx Bateman, ao qual poderíamos associar outro jogo semiótico, se tivermos presente um popular futuro papel de Bale, a saber: Bateman \approx Batman), tendo-se inspirado sobretudo em Tom Cruise para moldar “o boneco” (Bateman marca o início, na carreira de Bale, de uma série de radicais transformações físicas, que vão da magreza extrema do protagonista de **The Mechanist** [2004] até, no ano seguinte, à robustez física, de super-herói, exibida em **Batman Begins** [2005]).

“É um filme de terror ou uma comédia social? É ambos”, responde ainda Mary Harron, lembrando-nos que, antes dela, foi David Cronenberg o nome apontado à realização desta adaptação ao cinema do livro maldito de Ellis. Harron, também canadiana (o filme

foi rodado entre Toronto e Nova Iorque), é alguém que tem explorado, ao longo da sua carreira, mas sem o mesmo sucesso, um autêntico *portfolio* de psicopatias (um dos seus mais recentes títulos, **Charlie Says** [2018], tenta “perceber” o culto em torno da figura de Charles Manson). Com **American Psycho**, pretendia troçar de maneira violenta do típico *scumbag* saído desse período, caracterizado por algum descontrolo e alguma vacuidade moral, típicos dos anos 80. Fê-lo *entrando* na psique de um homem sem identidade: como se lê no texto de Ellis, Bateman é uma ideia ou uma crença, quer dizer, “não existe um verdadeiro ‘eu’, somente uma entidade, alguma coisa ilusória”. A proposta é arrojada: tornar em protagonista esta personagem oca e desalmada, quer dizer, convertê-la *no centro nevrálgico de todo um mundo*. E fazer desse mundo, enfim, um reflexo, ou fonte de luz ofuscante, de uma profunda vacuidade moral e estética em ascensão nos interstícios da sociedade e cultura americanas (muito curiosas, hoje, são as duas citações relativas à família Trump, monarcas dessa mesma inanidade em notória afirmação, e não só na América).

No final, como a própria Harron explicitou, não sabemos ao certo se este homem, que matou dezenas de mulheres, é o mais tóxico dos agressores ou a primeira vítima do sistema que o originou – algo que confere um novo sentido à expressão “assassino em série”, uma vez que aqui a americanidade do psicopata alude à banalidade do mal numa sociedade antisséptica, expurgada de valores éticos e morais. Na conversa com Charlie Rose, Bale resume este filme quase sem *plot* do seguinte modo: “Há um arco. Ele vai de psicopata a psicótico”. A psicose torna-o, no final, humano ou quase. Mas por pouco tempo, já que “em terra de cegos, quem tem um olho é rei, e quem tem dois olhos é muito mal visto.”

Luís Mendonça